

“ANTROPOLOGANDO” COM A FOTOGRAFIA: ENTREVISTA COM BÁRBARA COPQUE

ANTHROPOLOGICAL DIALOGUES WITH PHOTOGRAPHY:

INTERVIEW WITH BÁRBARA COPQUE

*Entrevista realizada por Carolina Medeiros**

*e Cleissa Regina Martins***

Em 2017, o comitê editorial da Revista *Habitus* decidiu por lançar um dossiê sobre ciências sociais e imagem. A partir disso e pensando em entrevistas possíveis para serem feitas com acadêmicos da área, chegamos ao nome de Bárbara Copque e fizemos o convite que ela gentilmente aceitou.

Bárbara Copque é graduada em ciências sociais pela UERJ, com mestrado e doutorado da mesma instituição. Atualmente é professora adjunta do departamento de formação de professores da baixada fluminense também na UERJ. Sua trajetória acadêmica é marcada por pesquisas sobre fotografia aliadas ao trabalho de campo da antropologia, além de diversas oficinas sobre imagem, artes visuais e fotografia.

Algumas de suas produções na área estão publicadas em livros como: "Etnografias visuais: análises contemporâneas"; "Família & Imagens" e "Antropologia e Imagens: Narrativas diversas". Em especial, o texto "Fotografar: expor (e se expor). A utilização da fotografia no contexto da violência." publicado e apresentado em diversos eventos, nos chamou a atenção e originou alguns dos questionamentos que serviram de guia para esta entrevista, concedida presencialmente nas dependências do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, em setembro de 2017.

Nessa entrevista, Copque faz um relato de sua trajetória acadêmica, enumerando como os temas de pesquisa surgiram em relação com suas vivências e seu trabalho com as imagens. Ela explica como lidou com as dificuldades de não ter referências que relacionassem a Antropologia Visual e a Fotografia em um campo de estudos pouco explorado até então, e nos afirma como as temáticas nas Ciências Sociais podem ser trabalhadas junto a Imagem de diversas formas, apenas atentando às novas questões do mundo digital e dos direitos autorais.

Esta entrevista nos foi concedida presencialmente nas dependências do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, em setembro de 2017.

* * *

Revista *Habitus*: *A primeira pergunta seria sobre sua trajetória acadêmica, uma apresentação sua, do que já fez, em resumo.*

Barbara Copque: Iniciei o curso de Ciências Sociais na UERJ no início de 90, aliás, minto, eu iniciei fazendo museologia, não, minto, iniciei fazendo teatro, teoria crítica de teatro só que não dei continuidade, fiz a transferência para museologia porque meu interesse sempre foi mais a fotografia. Na museologia eu pretendia trabalhar com a restauração só que naquele período mais ou menos eu tive aula com uma socióloga: Avelina Addor, ela era uma das diretoras do Museu da Imagem e do Som e ela me convidou pra fazer estágio na área de som. Até então desconhecia a antropologia e ela me apresentou e eu fiquei apaixonada, então, refiz o vestibular, fui fazer ciências sociais e foi ali que eu, de todas as áreas que eu poderia ir pra fotografia: jornalismo, museologia... A antropologia foi a que mais eu consegui ter um diálogo maior porque mais ou menos tudo que eu queria fotografar eu encontrava nas leituras e tudo que eu lia eu encontrava, eu poderia levar para a fotografia. Então fiz ciências sociais na UERJ, fiz primeiro pensando sobre uma relação mais teórica entre a fotografia e antropologia. Dei continuidade no mestrado na UERJ também com a mesma orientadora da graduação, a Clarice Peixoto, que, por sorte, foi a primeira turma da Clarice, uma das primeiras turmas de antropologia visual, já tinha aqui no IFCS que era com a Maria Galano e depois tinha uma geração que tava vindo da França com a Patrícia Montemór, Clarice. Então na UERJ foi a primeira turma e eu acredito que eu tenha sido a primeira monografia em antropologia visual e fotografia, no mestrado dei continuidade já querendo entender mais esse processo na prática. Então eu fiz uma oficina de fotografia com meninos em situação de risco, em situação de rua, mas no mestrado eu não fotografei, eles que fotografaram, no doutorado já queria ter essa experiência de eu fotografar e aí eu fui fazer uma oficina de imagens, tentei fazer uma oficina de imagens nos presídios para tentar entender sobre a maternidade no presídio. Então, a minha história de vida sempre teve a fotografia primeiro. Foi um presente do meu pai, meu pai já fotografava, meus irmãos já fotografavam, mas eu queria entender que fotografia era essa que tinha lá nos álbuns e aí quem me respondeu, com quem eu passei a dialogar, foi a antropologia.

Revista Habitus: Você falou que você acredita que tenha sido uma das primeiras monografias correlacionando a antropologia visual e fotografia. Como é que você lidou com as referências? Eram do exterior?

Barbara Copque: Eu tinha muito, o que aconteceu, nessa época, tanto o IFCS quanto a UFRJ, e a UFF eles iniciaram, mais a Patricia Montemór e a Clarice. Elas iniciaram a primeira mostra de filme etnográfico. Então a gente passou a ter referências bibliográficas, junto com o filme etnográfico, a mostra do filme etnográfico. E logo depois elas também, através do NAI, que é o Núcleo de Antropologia e Imagem, passaram a editar um caderno chamado Cadernos de Antropologia e Imagem. E aí eles passaram a traduzir pro português as bibliografias estrangeiras. E aqui eu tinha uma outra referência muito forte que era o Milton Guran, fotógrafo que foi fazer doutorado em antropologia, então ele fez parte da minha banca nessa época. Então era com esse grupo e que a gente adicionou da UNICAMP a Sylvia Cauiby com quem eu dialogava. Era o Caderno de Antropologia e Imagem que foi importantíssimo senão eu não teria acesso aos textos em inglês e francês na época era – ainda é complicado, você imagina na época né – mais complicado ainda. E também, como era algo

muito novo a gente recebeu visitas de muitos pesquisadores, tive a oportunidade de junto, nas oficinas da mostra do filme etnográfico, conhecer Jean Rouch e outros.

Revista Habitus: Você meio que foi desbravando o campo junto com as referências...

Barbara Copque: Exatamente! Ela tava nascendo e eu tava ali junto. Se ia dar certo ou não, virei cobaia (risos).

Revista Habitus: Como você foi escolhendo os temas nessas experiências?

Barbara Copque: O tema tá relacionado... Nessa semana mesmo eu tava pegando um texto, uma das primeiras leituras que eu fiz, onde você não consegue separar a vida pessoal do pesquisador. Então o tema já tava de alguma forma envolvido com minha história de vida. Eu tenho uma irmã, mais velha que eu, que ela foi menina de rua, morou na rua durante um bom tempo e quando a gente, minha mãe, resolveu adotar ela, adotou diretamente nesse processo. E, pra mim, não foi assim, ganhar uma irmã, primeiro que foi de uma hora para outra e numa situação que ela ainda não conhecia bem o que seria conviver em casa, não foi uma coisa muito fácil. Então eu precisava depois resolver essa questão, então eu pensei: “já me era familiar esse tema então vou tentar entender essa minha relação e o que de fato seria o ‘menino de rua’”. Seria por conta mais da minha irmã. A maternidade veio porque durante a oficina com os meninos tinha uma menina que ela não fazia parte diretamente, mas acompanhava a gente. Ela fazia 18 anos e era reincidente e tinha um medo: se ela cometesse um outro delito, ela me confidenciou que voltaria para o local onde ela nasceu. E era uma situação que eu nunca tinha pensado na minha vida, nunca imaginei nascimento de criança em presídio. Então quem acabou me levando, foi uma situação que eu até coloco que eu puxei “extra-quadro”. Era uma situação que tava ali na oficina durante o mestrado que eu não poderia dar conta e que no doutorado ela reapareceu. Então eu já tinha essa experiência com os meninos e só iria achar... Porque durante a pesquisa eu descobri que algumas crianças que também estão em situação de rua, elas vêm desses abrigos e quando você vai ver a história de vida algumas até nasceram. Então a gente tem gerações já e às vezes na própria família que eles nascem. A gente tem três gerações já de famílias que nascem em presídios.

Revista Habitus: E aí, dentro desse tema de maternidade em presídios você se deparou com o tema de tatuagens ou marcas do corpo também? Como foi?

Barbara Copque: Aí vem o campo né. O campo aqui no Rio de Janeiro – não sei se em outros lugares são diferentes – mas o que que acontece, eu comecei minha pesquisa de doutorado antes mesmo de entrar no doutorado, em 2005. Eu sabia que precisava de material para fazer o projeto. Então eu dei entrada na Secretaria de Assuntos Penitenciários, que é SEAPE, com um pedido para fazer a pesquisa em 2005, na virada do ano de 2005 para 2006 e enfim, foram várias negativas. Para você ter uma ideia eu defendi a tese de doutorado em 2010, no início de 2011 vem a autorização, quase seis anos depois, da secretaria. Então como é que eu poderia entrar no campo? Eu tive de negociar

essa entrada no campo dando, pegando aqui Saramago que eu tenho pra mim,” dando volta nas coisas”. Então o que eu fiz? Fui dar aula numa universidade em Realengo onde eu sabia que tinha agentes penitenciários trabalhando então passei a negociar não só a minha entrada, como a minha estadia, minha manutenção do campo. Então numa dessas eu vou negociando com os diretores, com o diretor que fazia uma pós-graduação, ele tava precisando de imagens e aí eu disse: “Eu fotografo para você se você me apresentar”. E isso a gente tem, em umas leituras que a gente faz em ciências sociais, a gente vê, eu lembrava muito dos estudos de graduação né, como negociar a entrada no campo, permanência do campo. Só que não foi uma negociação muito assim “calma”, eu sofri muito porque de início eu me considerava assim “institucional”, estou fotografando pro diretor, estou, na verdade, documentando. Mas logo depois, por conta da fotografia ser digital, estar ali no visor, eu vi que ali eu poderia, não amenizar, talvez não seja a palavra, mas inverter meu lugar e o lugar ali da fotografia e comecei a negociar essa produção de imagens com os detentos. Então aí de uma fotografia um pouco mais dócil foi para uma fotografia mais politizada e já fiquei mais calma. Mas foram negociações muito dolorosas no campo.

Revista Habitus: Eu baseei essa entrevista em um texto seu, um dos único que consegui achar na internet disponível: “fotografar: expor (e se expor). A utilização da fotografia no contexto da pesquisa antropológica” em um livro de artigos chamado “expressões artísticas urbanas: etnografia e criatividade em espaços atlânticos” e aí você fala justamente isso, como a fotografia servia de mediação para você falar com os interlocutores da pesquisa, ajudava a construir a confiança com eles. Como era isso de montar a fotografia junto? Fazer o enquadramento da imagem, nas palavras de Susan Sontag, junto com os sujeitos da pesquisa, depois interpretar aquilo. Você fez isso com os meninos em situação de rua também certo?

Barbara Copque: É, na verdade, eles que são os autores. Eu tentei dar minha leitura, com os meninos, e por isso eu gosto muito, não é uma dissertação perfeita, é uma dissertação cheia de erros, mas eu gosto muito dela porque foi quando eu passei a me expor também. Tentei ler essas imagens e o instrumental que eu tinha era um pouco mais semiótico, o que que eu posso ver daquelas imagens sem a ajuda dos meninos? E tudo que eu lia não dialogava com os meninos. Eu tava atrás de profundidade, primeiro plano, cor e quando eu apresentava essa linguagem, esse meu olhar para os meninos, eles quase riam de mim. “Não, você não entendeu nada, eu não quis fotografar isso (que tava no primeiro plano), quis fotografar aquilo ali. O cara que tá vendendo droga. Tá ali atrás.” Ele não podia chegar muito próximo então só registrou. Então eu passei a descobrir a imagem fotográfica que eu descobri no processo com os meninos, na verdade eles que me levaram a essa descoberta, porque até então eu não tinha as várias camadas, eles foram me dando várias camadas que a fotografia possuía. “Não, não quis fotografar isso, quis fotografar aquilo” que às vezes nem tava na imagem fotográfica, que a gente chama de extra-quadro. Então boa parte das histórias, elas não estavam ali na imagem, estavam fora da imagem. E exatamente isso – mais o processo do que a imagem fotográfica – que me atrai em antropologia. Que é o meu, um dos meus sujeitos, essa relação que é estabelecida a partir desse encontro fotográfico. Existe um encontro etnográfico que é proporcionado por um encontro vamos dizer assim, fotográfico.

Revista Habitus: Inclusive essa era uma das minhas perguntas: esses trabalhos de campos que você fez foram campos um pouco difíceis certo? Não tão comuns pelo menos. E aí me pergunto se a fotografia, a câmera, a imagem ela ajudava ou atrapalhava ou talvez os dois você ficar ali no campo que pode ser violento?

Barbara Copque: Não, eu acho que ela só ajudou. Apesar de não ser o lugar da fotografia, ser um lugar que mantém escondido. Mas ao mesmo tempo, no caso eu pergunto, quem é que quer manter escondido? Quem é que quer ficar escondido ali? No caso, é o Estado que quer manter escondido, mas eles não queriam ficar escondidos, por isso que foi muito legal. Eu também entrei [no presídio] com várias câmeras fotográficas, eu entrei com uma câmera analógica, depois entrei com uma câmera digital, depois eu entrei na época não era um celular, mas era um palmer. Então eu pude pensar também essa tecnologia de produção de imagem, com a câmera digital foi mais fácil porque eu negociava ali na hora o que que pode, o que que não pode e eu passei a trabalhar com os dois, eu passei a trabalhar com o que foi apagado, ou seja, com uma memória de uma imagem que foi fotografada. Então, nesse sentido, acho que a fotografia só me ajudou porque por conta dela eu tive acesso a situações que com o gravador não teria. Eu vou te dar um exemplo, eu tive acesso a roupa, a pose, a roupa com pose. Quando uma das meninas, das internas soube que eu tava com a máquina fotográfica ela já se arrumou, a outra não, então eu já me interessei: “porque você tá com essa roupa? Você veio pra ser fotografada?” E aí pronto, abandonava a fotografia e ficava na antropologia. Mas ela sempre me permitiu, a fotografia e a câmera, sempre me permitiram estar e ainda me permite no trabalho, na UERJ, por exemplo que eu estou com um projeto chamado “Negritude e Fotografia” que está sendo desenvolvido junto aos alunos.

Revista Habitus: Você falou que a fotografia ajudou você em seus trabalhos de campo. Você acha que a imagem como um todo pode ajudar nas pesquisas em ciências sociais, não só na antropologia, mas na sociologia, na ciência política?

Barbara Copque: Eu acho que sim. Eu vou muito pro campo com esse trabalho [oficinas de fotografia] e é uma constante assim, pessoal das ciências médicas têm se interessado muito, a medicina da Unirio to sempre falando com eles, a psicologia da UFRJ tem me chamado pra gente conversar. E agora, tem um projeto, que também foi um convite, no Instituto Nise da Silveira de fazer uma oficina, que a gente chamou essa oficina de “Fotografia Brincante e Viagens Pensantes”, onde a gente tá em outro processo. Eu to sempre tentando experimentar também a linguagem, todas as possibilidades que a fotografia tem, e a última é essa fotografia artesanal, construção de câmera... Então estamos levando esse processo de fotografia artesanal, fotografia histórica, construção de câmera, construção do visor tanto para sala de aula na educação, que é onde eu to agora, e na psiquiatria. E essa oficina eu acho que vai ser a primeira com fotografia, então é um grupo grande, grupo que a gente lida muito mais muito individualmente mesmo. Não sei metodologicamente como a gente pode dar uma aula, que aí a gente tem vários níveis de compreensão diferentes de uma sala de aula daqui do IFCS, por exemplo e ali não, são vários níveis mesmo. Então a gente vai descobrir ali,

nessa primeira oficina. E na UERJ estamos com uma disciplina “Fotografia, Educação e Inclusão” e estamos com dois convidados que trabalham com fotografias com surdos, fotografias com cegos. Então, te respondendo eu já to indo para outros campos que não é a antropologia, mas a antropologia ela é a base. Sempre me apresento como antropóloga, o trabalho é de antropologia, mas o diálogo é com outras áreas.

Revista Habitus: A gente vai ter agora um dossiê de ciências sociais e imagem. E aí, eu já me identifico mais com a sociologia, porém eu sei que a antropologia parece muito mais aberta a relação com a imagem do que a sociologia ou a ciência política. Em sociologia a gente tem utilizado a fotografia não como método, mas como objeto, como ferramenta e não tem algo como em antropologia que tem filmes etnográficos. A sociologia não tem nada parecido. Queria saber o que você acha disso e se você acha que tem uma possibilidade da sociologia, pelo menos, lidar mais com a imagem.

Barbara Copque: A sociologia tem algo parecido, eu tenho uma referência forte que é o José de Souza e Martins, sociologia da fotografia e da imagem aqui no Brasil. Ele é de São Paulo e já vem trabalhando há um bom tempo com a imagem fotográfica. Talvez aqui no Brasil a gente não tenha, mas a gente tem várias referências, vários trabalhos fora. Ciência política eu de fato não tenho referência, mas eu tive um professor de ciência política que foi quando eu comecei a gostar de ciência política que ele dava aula a partir de imagens, mas eram imagens que ele criava ali. Uma das aulas que eu mais gostei, era sobre o amor, você vai falar de paixão, você vai falar de ciência política a partir daí e ele era uma pessoa extremamente culta, ele pegava um filme aqui, pegava não sei o que lá, ele pegava Edith Piaf, etc. Então se você pensar em imagem, a imagem não é só fotografia, você tem a literatura, o campo da imagem é muito grande. Tem até um problema assim de algumas definições. Etienne Samhain ele fala de visualidade, ele fala de antropologia da visualidade, da comunicação visual, ele não fala em antropologia visual. Então, ainda tem isso. Ele também vai trabalhar com a palavra enquanto imagem. E aí quando ele faz isso ele vai também para literatura.

Revista Habitus: Entendi, é que eu não enxergo abertura, por exemplo, se eu quiser fazer um documentário para entregar como trabalho final no mestrado...

Barbara Copque: Mas em antropologia, também não. Em antropologia a gente, quando eu comecei, década de 80. Você tinha uma visualidade, como a gente tá vivendo hoje, muito forte. Eu tinha MTV, eu tinha Regina Casé na televisão com o programa dela. Então eu achei que eu ia fazer a graduação, eu ia começar a criar filmes e ia trabalhar lá no Brasil Legal [risos]. Que ia fazer alguma coisa nesse sentido, que eu poderia entregar um filme ou então um ensaio. Então por várias vezes eu desisti porque a negativa era grande, desisti também porque, esqueci de falar, eu passei pelas artes visuais também, passei pela gravura um pouco. Então até o formato lá, era esse formato de A4 enquanto imagem que coloca as relações todas ali dentro, ela me incomoda. A minha dissertação eu fui colando as folhas em folhas enormes porque as minhas imagens não poderiam ficar ali aprisionadas. Foi uma tentativa de romper também com a Academia que a gente tem a escrita que é muito forte, mas é difícil.

Não conheço nenhuma experiência. Até quem faz cinema, eu acho que hoje, quem faz artes tá se aproximando da escrita. Ainda tem muita pegadinha a palavra escrita.

Revista Habitus: No caso de cinema na uff, o estudante tem de fazer um tcc e um filme para entregar, se não me engano...

Barbara Copque: Eu sou assistente de uma pintora e a gente tá ali o tempo inteiro, na medida que estamos avançando, estamos também produzindo textos e ela é da Belas Artes. Não tem como, você hoje, todo mundo, os artistas tão loucos, eu hoje mesmo tive uma discussão no facebook com um fotógrafo que tava reclamando da academia —neguinho reclama, mas ta lá, ta fazendo— porque ele não consegue lidar com texto acadêmico. Aí eu falei: “como não? Você não leu fulana de tal? Ciclano?” Então os textos tão todos aí. Não tem como.

Revista Habitus: Como conseguimos, na antropologia, “relativizar o cotidiano” através da fotografia e imagem?

Barbara Copque: Para mim é muito difícil relativizar o cotidiano porque a fotografia ela me identifica. Talvez, com o outro, o que eu posso relativizar é essa relação que a gente estabelece através da fotografia e com a fotografia. O que que a gente tem hoje de imagem fotográfica? Uma relação muito mais superficial. Você vai, fotografa, no fundo no fundo, você não ta se envolvendo. E talvez o que, em campo, eu acabo oferecendo é uma outra possibilidade da fotografia e que eu acho que é aí que a gente começa a estabelecer, porque nessa outra possibilidade eu preciso confiar nele [no interlocutor], como eu fiz com os meninos né, quando eu entreguei a câmera. Eles, confesso, sempre confesso, entreguei as 15 câmeras fotográficas para meninos em situação de rua achando que eu não ia ter de volta e no fundo eu consegui ter duas a mais. Ali, nesse momento que eu entreguei o que era para mim o mais importante do que eu tinha de mais caro que eram as máquinas e eles me devolveram e me presentearam. Então já foi e eu acho que esse movimento [relativizar o cotidiano] já ta ali. E se eu for pensar nas outras pesquisas também, quando normalmente você que ta fotografando o outro, você nunca ta negociando essa relação. E a fotografia me ajuda a me recolocar num lugar, ela que me permite sair desse lugar da fotógrafa e dividir e como eu to junto com antropologia, a antropologia ta ali. A gente passa a “antropologar” juntos. Eu gosto de falar “antropologar”.

Revista Habitus: O que que significaria “antropologar”?

Barbara Copque: Olha, eu lembro que uma das minhas primeiras aulas, um professor, não me recordo quem, mas isso eu me identifiquei, ele fala assim que se nasce antropólogo, porque você tem de ser fofoqueira [risos] e eu sempre fui muito fofoqueirinha . E lá em casa acabou que todo mundo também gosta desse termo “antropologar”. Então quando todo mundo olha pro outro, isso já é, isso é “antropologar”. E a fotografia, essa que eu digo que é em campo, ela permite, ela permitiu os meninos, eu achei muito fofo isso, porque eles perceberam toda a potência. Teve um momento que foi muito

legal, eu tava lendo Susan Sontag e tem um momento que ela associa a fotografia a arma. Porque você se lembra. E eles fizeram de imediato essa associação de “roubar”. E ao mesmo tempo eles fizeram a associação da fotografia como uma dádiva, um presente quando eles fotografavam quem eles gostavam. Me pediram para fazer as imagens em papel para presentear. E eles também perceberam a fotografia como denúncia, quando eles passaram a fotografar os seguranças, as pessoas que maltratavam. Eu acho que eles estão nesse mesmo caminho que eu “antropologando” também através da imagem fotográfica. Porque eu perguntava, eu tinha as minhas perguntas, os meus objetivos de pesquisa, eles responderam todos eles, inclusive os específicos pensando em um projeto de pesquisa, mas eles foram além, eles trouxeram todo o meu conhecimento, todo o meu conhecimento de antropologia surgiu a partir dessa relação que eu fui estabelecendo metodologicamente entre a fotografia e a antropologia. Ela começou a me forçar a pensar mais o meu lugar enquanto antropóloga, quando eu passo a negociar a fotografia com o diretor do presídio, passo a ser usada também, então passei a me pensar também, não só pensar o outro, mas pensando também antropologicamente, eticamente.

Revista Habitus: E você já terminou seu pós doutorado? O que você abordou nele?

Barbara Copque: Sim, terminei em 2010, 2012, foi na UERJ também. Estou descansando agora. Esse pós doutorado é um projeto que está inserido no projeto “Violência doméstica e violência institucional: a vitimização das pessoas envelhecidas” da Clarice Peixoto. Que é esse projeto de violência institucional em abrigos de idosos. Eu entrei, como sempre, antes de começar. Então já acompanhava um pouco esse trabalho da Clarice e Clarice ia fazer um documentário e eu propus fazer essas imagens, do abrigo. E nele eu tive contato com o silêncio. Foi um silêncio muito violento que existe nos abrigos que até me deixou um pouco doente. São várias realidades e a Clarice estava atrás do que seria a violência institucional. Um dos exemplos dessa violência: a própria comida servida, são todos idosos e aí você dá uma coxinha. Até isso a gente compreende como uma questão de violência. Eu acompanhava o Ministério Público quando eles iam na casa de um idoso e produzia essas imagens. Só que essas imagens eram da Clarice e eu tenho as minhas que eu ainda não usei. Só quem usou foi a Clarice. Fizemos alguns artigos juntas que também é uma proposta, se aproxima do que você tá falando de entregar um ensaio e tentar fazer com que as imagens falem por si. Mas ainda não consegui, sempre tem um texto de apresentação. Uma legenda. Até porque a fotografia sozinha acaba não falando muito ou fala muito e não diz nada. Ela vem acompanhada de outras, mas é importante. Em qualquer trabalho de artes você vai ter a curadoria, aquela que vai orientar seu caminhar pelos trabalhos. Mas o pós doutorado foi essa saída, eu já tava nessa violência institucional trabalhando no presídio e fui pro caminho da violência institucional no abrigo. Onde eu encontrei também ex detentos. Porque muitos saem com a idade avançada, perdem todas as relações familiares, e aí vão para rua e quando tão na rua alguns conseguem ir para abrigos públicos. Essa foi a ponte e eu continuei usando a fotografia. Agora eu entrei para a UERJ e eu fui para Faculdade de Educação e to me encantando porque é uma realidade que eu nunca tinha tido nenhuma proximidade com a educação, tô descobrindo a educação. Não fiz nem licenciatura e vi que não tinha – em uma faculdade de formação de professores – que não tinha uma eletiva com relação à imagem e as crianças hoje estão

o tempo inteiro [na internet, no celular], então eu propus umas eletivas de imagem, de fotografia. E começa ,na verdade, semana que vem. Já tá tudo pronto, não só a ementa, mas também material, porque trabalhar com imagem fotográfica é um pouco complicado. Por exemplo, mandei fazer uma caixa. É uma caixa de luz ultravioleta porque eu não posso, como estou em sala de aula, eu preciso de um dia de sol e como não tenho como controlar o tempo, o dia de sol. Porque a ideia é fazer fotografia e sensibilizar papel com tudo que pode ter numa cozinha: ovo, planta. E tudo precisa de tempo então tentei reduzir o tempo. Sete dias na caixa em dez minutos. Mandei fazer especialmente para a aula de uma forma que fique barato para os professores reproduzirem, se eles não puderem reproduzir, o que que eu to fazendo lá, eu to montando um laboratório para colocar a disposição de oficinas, pegar emprestado com uma listinha, sei lá. A fotografia tem isso, problemas de lidar com a imagem. Você produz, produz, produz igual máquina digital, depois você fica doida na seleção. E aí é um trabalho doido. Com os meninos produzi duas mil e poucas fotos, mas era analógico. No presídio, quatro mil e pouco. Clarice até hoje me sacaneia dizendo que eu fiz seis mil, sete mil fotos no abrigo [risos]. O clique é muito rápido. Eu não perco nada. Você depois tem de entrar nessas imagens, entrar com , porque você não entra sozinho. No presídio eu tive essa experiência de pegar a imagem, fotografar sem saber o que estava fotografando e aí depois entregar para quem me acompanhava e perguntar o que que eu fotografei? E foi um campo maravilhoso. No abrigo o que eu pude trabalhar com a fotografia que é o que eu to levando também para a sala de aula foi a questão do tempo. No abrigo eu chegava e eu podia chegar lá todo dia dez horas e encontrava um idoso, e isso é vergonhoso também, sentados no mesmo lugar. Sentava lá e fotografava até a morte, até ele morrer, o que aconteceu. Então você tem esse tempo que é um tempo muito violento. E com as crianças hoje elas já não têm tempo. Então o que eu tento fazer em sala de aula é recuperar esse tempo de contemplação que as crianças hoje em sala de aula, parece que ninguém quer perder tempo então tentar recuperar esse tempo então por isso que eu fui para a fotografia artesanal. Agora estou tentando ver o que que pode sair dali.

Revista Habitus: Por fim, que conselho(s) você daria para os pesquisadores que estão se formando e querem trabalhar tanto com imagem, seja produzindo ou analisando ?

Barbara Copque: Aí corre o risco, talvez seja essa a diferença. Tenho medo de falar uma besteira aqui [risos], mas durante a minha formação e Clarice fazia questão de puxar minha orelha era diferenciar semiótica e a antropologia que eu acabava, na minha cabeça, pensando sociologia ou antropologia, quantitativo ou qualitativo. Acho que muitas áreas, não mais agora, mas antes, ficava muito nesse aspecto mais quantitativo da fotografia. Primeiro você só pegava a imagem- a história não, a história já pensa numa outra dimensão, numa outra direção vamos dizer assim. - mas você pegava a imagem e tentava ver o que que tava ali. Então foi esse exercício que eu fiz, o primeiro exercício antropológico foi tentar ver o que que eles [meninos de rua] fotografaram. Só que, tanto eles quanto a antropologia, trouxeram a questão da camada e do que tava fora da fotografia o que tava no processo, mas não entrou propriamente na imagem. Você fisicamente tem três camadas de fotografia: primeiro plano, segundo e terceiro. Mas antropologia trouxe trezentas camadas. Aí é difícil esse movimento, aí precisa daquele ouvidinho do Roberto Cardoso. Tem de estar bem sensível mesmo teoricamente para você se atentar qual dessas trezentas camadas vai de alguma forma contribuir e

ainda traz além dessas trezentas camadas, ainda traz o que não tá sendo fotografado. Eu tive várias imagens – eu to tentando responder o que que não é legal – hoje em dia por conta da tecnologia, você vai lá e apaga. Não. Então eu tive também trezentas imagens apagadas, mas eu consegui trabalhar com essas imagens que foram apagadas. Que foram apagadas nos presídios pelos agentes. O que que é legal? É você poder acessar via a confiança que você vai estabelecendo. Mas também depende de quem né, não é porque você ta com uma câmera fotográfica. Aí vem um ponto chato porque às vezes a câmera fotográfica, dependendo que câmera você use ela te afasta. Eu lembro quando era pequena e ia com minha câmera e todo mundo falava: “Rede Globo, Rede Globo”. Associava a câmera fotográfica a Rede Globo e aí nada sai. Às vezes você não quer pose e as pessoas posam e aí vai. “Não, não tô fotografando você”, as pessoas entram. Ou você decide trabalhar com o que ta entrando, com a pose, às vezes a câmera até te afasta. Mas na maioria das vezes, isso eu acho muito legal, ela te aproxima. Ainda mais hoje que a câmera, todo mundo já tem uma outra relação com a fotografia. Tem gente que não gosta também por conta de hoje, que já pensa em direitos autorais, que não quer se expor, fica com medo esse é um problema atual. Você disse que achou poucos trabalhos meus em rede. Você não vai achar lá na UERJ, por que? Porque não tenho cessão de imagens, esse é um problema, eu trabalho com imagem. Eu ainda me relaciono com um dos meninos lá de 2000 e pra mim é muito constrangedor porque eu trabalhei com imagem fotográfica. Então uma das coisas que eu ainda acho é que eu to expondo, então eu to segurando ao máximo as fotos, mesmo botando aqueles quadradinhos para proteger a privacidade, eu ainda sei quem é. E o que que eu faço? Eu me disponho, tanto que eu criei essa disciplina, eu acredito na antropologia visual é, assim como a fotografia, também me constituiu, eu acho uma ferramenta. Assim como o desenho da Karina [Kushnir], também tive oportunidade de fazer, quando eu não tava com câmera eu tava com papel e desenhava. Mas eu acho metodologicamente um ganho, não saberia trabalhar com o gravador somente, mas eu acho que também tem de dialogar com as novas áreas de imagem e não ficar tão preso a filme etnográfico. Esse é o caminho que eu acabei indo, nas artes visuais. Não gosto muito de dar conselho. (risos) Mas é isso, vão pegar sua câmera, tem o problema das fotos apagadas, tem a questão ética, a fotografia mais do que nunca requer essa questão, mais do que o gravador. Quando você une as duas [antropologia e fotografia], piora, esse é um ponto chato. Antes, nos anos 2000 eu nem precisei da autorização da Vara da Infância, já no doutorado eu não tive acesso às crianças e a cada dia perdia acesso às imagens das detentas. O Estado tava ali controlando toda essa produção de imagens. Então hoje essa pressão tá mais tensa, essa relação, com qualquer tema. Hoje em dia você pega a câmera e você aponta e tá muito mais próximo da Susan Sontag, do roubar mesmo. E as pessoas têm consciência disso, do que é uma câmera fotográfica, quando eu comecei não tinham, vou te dizer que era mais fácil, eu não precisava de cessão de imagens, hoje não. E pra mim é muito constrangedor chegar e falar: assina aqui, olha você tem a pesquisa, você esclarece, mas assina aqui que eu vou usar sua imagem academicamente, acho complicado. Talvez seja o mais difícil do meu trabalho, pedir a cessão de imagem. 🍷

*Carolina Medeiros é estudante do curso de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro e membra do Comitê Editorial da Revista *Habitus*.

**Cleissa Regina Martins é graduada no curso de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro e foi membra do Comitê Editorial da Revista Habitus de 2013 a 2016. Participou ativamente da idealização do projeto Dossiê Ciências Sociais e Imagem desta edição.